

OS PRÉSTITOS CARNAVALESÇOS: O CARNAVAL BEM COMPORTADO DE CORUMBÁ (1890-1918)

João Carlos de Souza

Programa de Pós-Graduação em História,
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Dourados.

O artigo analisa os desfiles (“préstitos”) do carnaval de Corumbá, cidade localizada no atual estado de Mato Grosso do Sul, Brasil. Esses desfiles eram organizados por entidades locais e representavam a nova forma de comemorar o carnaval, defendida pela imprensa em fins do século XIX. Seus principais modelos eram os carnavais do Rio de Janeiro e de Veneza, considerados uma forma diferenciada de brincar, mais adequada às concepções de civilização. Nesse processo, tradições mais antigas sofrem adaptações, como o entrudo, e as ações populares passam a ser objeto de maior vigilância.

Palavras-chave: Carnaval, Préstitos, Corumbá.

The parades of Carnival: The Carnival well held of Corumbá City (1890-1918). The paper analyzes the parades (“préstitos”) of the carnival of Corumbá city, Mato Grosso do Sul State, Brazil. Those parades were organized for local entities and they represented the new form of commemorating the carnival, defended by the press in the end of the century 19th. Your principal models were the carnivals of Rio de Janeiro and of Venice, considered a differentiated form of playing, more appropriate to the civilization conceptions. In that process, older traditions suffer adaptations, as the entrudo, and the popular actions become object of larger surveillance.

Keywords: Carnival, Parades, Corumbá City.

Ao final do século XIX e início do XX, Corumbá apresentava crescimento na movimentação de seu porto fluvial, às margens do rio Paraguai, em função especialmente das atividades de importação, como também de exportação. A cidade cada vez mais incorporava hábitos, atividades de lazer e diversão, então em expansão nos grandes centros urbanos do país, tais como os passeios em praças ajardinadas e a frequência ao teatro e aos campos de futebol. Algumas tecnologias da modernidade, como o cinematógrafo, também passaram a fazer parte do cotidiano do corumbaense. Era o desejo de refinamento dos costumes e do gosto, do desenvolvimento de certa elegância, de tornar a cidade um lugar mais agradável e desenvolver diversões tidas como civilizadas, modernas.

O Carnaval, uma das festas mais significativa no âmbito da cultura da cidade, não passou despercebido nesse processo, e para atender ao gosto da burguesia e setores médios urbanos, sofreu alterações para que sua prática se tornasse mais civilizada e condizente com os novos tempos. Desde o final do século XIX, era uma festa comemorada em Corumbá, constituindo-se em mais uma de suas tradições. Encontramos referências às comemorações nos periódicos dos anos 1880. O primeiro periódico, *O Iniciador*, data de 1877, um ano antes de Corumbá ser elevada à condição de cidade. As principais menções nos periódicos ainda nesse período, eram em relação aos convites dos clubes carnavalescos, convocando para os bailes. Nos dias posteriores, traziam breves comentários elogiando esses eventos e a diversão que transcorreria com normalidade. Há um silêncio quanto às outras formas de comemoração.

Contextualizando um pouco melhor o momento vivenciado pela cidade de Corumbá, esclarecemos que após a guerra contra o Paraguai (1864-1870), recebeu, entre outros, imigrantes italianos, espanhóis e portugueses. Vieram também migrantes nacionais de vários lugares, principalmente do Rio de Janeiro, como os militares do exército e da marinha, em razão das questões de fronteiras com o Paraguai e Bolívia. Igualmente, muitos profissionais civis, tais

como: pedreiros, carpinteiros, marceneiros, ferreiros chegaram à cidade no período da construção do Arsenal da Marinha (1873), para suprir mão-de-obra especializada. Assim, a Vila de Santa Cruz de Corumbá, que à época de sua ocupação pelos paraguaios em 1864, possuía aproximadamente 1.500 habitantes, no início dos anos 1880, tinha a sua população triplicada. Esses aspectos são tratados de forma mais aprofundada no trabalho de doutorado *Sertão Cosmopolita: a modernidade de Corumbá* (Souza, 2001), sendo o presente artigo, parte revisada e ampliada do capítulo sete.

Os fatores mencionados nos levam a identificar forte influência da Corte, do Rio de Janeiro, na constituição de certas tradições culturais em Corumbá, entre elas o Carnaval. Esse momento de expansão da cidade já se insere num período em que novas formas de comemorar o Carnaval estavam sendo incorporadas e discutidas, no Rio de Janeiro e outros centros urbanos do país, especialmente os bailes de salão e os prêmios carnavalescos. Ainda que de forma breve, recuperaremos parcialmente o que ocorria no Rio de Janeiro e Porto Alegre sobre as novas formas de comemoração.

Até meados do século XIX, a principal forma de festejar era o famoso *entrudo*, consistindo em foliões que davam verdadeiros banhos d'água nos transeuntes, os quais, em geral, acabavam aderindo à brincadeira. Era hábito, entre as famílias da elite, reunirem-se e fazerem uma guerra de limão-de-cheiro¹. Havia todo um jogo de cumplicidade.

Entretanto, nas brincadeiras de rua, onde predominavam a liberdade, o informal, o imprevisto eram mais comuns também extrapolações dos padrões aceitáveis, tais como o uso de limão-de-cheiro com outros líquidos, tinturas para manchar as roupas, água com odores desagradáveis ou mesmo pimenta, com o objetivo de atingir os olhos dos transeuntes. Nem todos aceitavam a natureza da brincadeira e muitos partiam para briga. Ao tematizar essa questão

¹ Bola de cera de camada fina, carregada de líquido, que estourava ao impacto nas pessoas.

sobre o carnaval carioca do fim do século XIX, Maria Clementina Pereira Cunha (2001:53-65) comenta os conflitos que tais brincadeiras geravam e que eram objetos de crítica pela imprensa periódica da época.

Essa forma de brincar o Carnaval, originária da tradição portuguesa e introduzida no Brasil desde os tempos coloniais, se diferenciava de outras formas européias, como por exemplo, a de Veneza.² Assim, em meados do século XIX passou a ser considerada não muito civilizada e sofreu restrições. Os bailes de salão, com fantasias e máscaras (especialmente fundamentados na tradição veneziana) e os préstitos passaram a representar mudanças na forma de comemorar e mais de acordo com os novos padrões considerados civilizados, ou seja, o europeu. Tais alterações começam a serem registradas já em meados do século XIX. Segundo Luiz Felipe de Alencastro, na década de 1840, foi organizado no Rio de Janeiro, por uma trupe italiana, “um carnaval veneziano de máscaras”. Houve repercussão e incorporação dessa nova modalidade de comemoração, tanto que o autor comenta que, alguns anos depois, o *Jornal do Commercio* saudou a nova festa nos seguintes termos: “O Carnaval [...] é mil vezes preferível ao entrudo de nossos pais, porque é mais próprio de um povo civilizado e menos perigoso à saúde” (1997:52-53). Em São Paulo, a elite também aderiu ao “Carnaval veneziano” em meados da década de 1850.

Outros centros urbanos brasileiros incorporaram as novas formas e tiveram a imprensa periódica por principal defensora de sua implantação. O periódico *A Reforma*, de Porto Alegre, conforme Alexandre Lazzari (2001:69), saudou a presença de duas sociedades carnavalescas como o novo acontecimento de 1874, naquela capital. Qualificou as sociedades carnavalescas como iniciadoras de uma reforma dos costumes, mais um progresso da cidade, a partir do qual se substituía o inconveniente jogo de entrudo pelo Carnaval. O

² Sobre o Carnaval na Europa moderna, ver análise de Peter Burke (1995: 202-228).

autor comenta que tal substituição não ocorreu de forma automática e não sem conflito, como desejavam setores da imprensa.

A incorporação do novo vocabulário era acompanhada da reflexão e exigência de novos comportamentos, uma decorrência dos padrões urbanos que se forjavam naquele momento, e dos ideais de civilização que tinham a Europa por referência. Conclui Alencastro: “Separou-se a festa da rua, popular e negra, embora de origem portuguesa – o entrudo –, da festa do salão branco e segregado, o Carnaval” (Alencastro, 1997:52).

A identificação de períodos de transições apresenta-se como momentos ricos para análise do historiador, as práticas descritas do entrudo não foram de todo eliminadas, convivendo durante longo tempo com as novas. Houve disputas entre as novas formas de festejar o Carnaval e as antigas tradições, conforme Maria C. P. Cunha discute em sua obra *Ecos da folia*, especialmente no capítulo “Batalhas sem confete”, ao debater o Carnaval do Rio de Janeiro (2001:89-99). Abordamos esse momento constituidor de novas formas de comemorar e seus significados.

Em Corumbá há registros de permanência dessas formas mais tradicionais de comemoração, como a do *entrudo*, ainda por longo tempo. Renato Báez, ao comentar as formas de comemoração do Carnaval na cidade no início do século XX, oferece uma reconstituição da cena: afirma que um grupo de amigos escolhia previamente uma casa, cujos moradores sofreriam o assalto, ocasião em que se estabelecia então uma batalha entre os dois grupos, sendo a água o principal componente, atirada através de vasilhas. Mulheres e homens participavam e, muitas vezes, a brincadeira finalizava-se com um animado baile, comes e bebes (Báez, 1964:11-12).

Conforme a imprensa noticiava, os bailes de salões, à fantasia, eram a novidade do carnaval de Corumbá, desde o final do século XIX, conforme a imprensa noticiava. A associação carnavalesca denominada S.C.D. Diabo a Quatro anunciava os divertimentos em seus salões em 1880 e advertia que os sócios não quites não poderiam tomar parte. (*O Iniciador*, 8 fev. 1880). O comunicado e suas

restrições mostram que os clubes representavam uma forma de seleção de convivência, pois restringiam os participantes. A partir daí, anualmente, existiam anúncios dos clubes na imprensa, intensificando-se no início do século XX. Em 1908, por exemplo, conforme o *Autonomista* (7 mar. 1908), a dança destinada aos sócios e convidados do Club Carlos Gomes tinha sido animada, prolongando-se até às três horas da madrugada de segunda para terça-feira. No mesmo ano, o salão do bar Polo Norte foi cedido à rapaziada, aos foliões, adeptos do Zé Pereira, para três dias de ardorosos fandanguassus (*Autonomista*, 29 fev. 1908).

As associações de imigrantes, bem como as sociedades recreativas, por profissões ou não, também promoviam suas diversões. Há uma certa composição do que poderíamos chamar de diversões “lícitas”. A Sociedade Recreio Corumbaense, por exemplo, inaugurada em 1904, destinava-se a espetáculos de poesia e teatro (*O Brazil*, 13 jun. 1904).

Todos os anos, o Carnaval ocupava espaços e referências na imprensa de Corumbá, quer sob chamadas para os preparativos, como sobre o transcorrer da folia, dos bailes. Dentre as suas formas de apresentação, era comum a realização do préstito carnavalesco, o desfile de carros de tração animal, com diversas alegorias, configurando sátiras e homenagens a personagens ou a acontecimentos recentes. Aqui estamos diante de outra incorporação, a dos desfiles de carros alegóricos no modelo italiano, ocorrida simultaneamente aos bailes de máscaras e de salão, em meados do século XIX, no Rio de Janeiro (Alencastro, 1997:52).

Essa forma de comemoração constitui o objeto principal de reflexão deste artigo, a partir de referências da imprensa periódica de Corumbá. Não se tratou, porém, de um levantamento exaustivo sobre essa fonte, que certamente pode oferecer ainda outras alternativas de leituras aos pesquisadores sobre o tema. As referências aos préstitos carnavalescos de rua, nos periódicos corumbaenses, com descrições sobre os carros, possuem maior incidência no início do século XX. Uma delas chama particularmente a atenção. O prin-

principal carro do Club Carnavalesco, no desfile de 1904, conforme longa matéria intitulada Carnaval, no periódico *O Brazil*³ (21 fev. 1904), foi a alegoria sobre a estação telegráfica da cidade. Na sugestiva alegoria, dois fios partiam da estação telegráfica, em comunicação com uma meia lua. Completando a representação, inscreveram nas laterais do carro: *De Corumbá à lua*.

Eis de novo, depois das festividades de inauguração, em janeiro daquele ano, a população diante do telégrafo. Para aqueles que não tiveram acesso aos discursos da imprensa, o carro alegórico recolocava a questão, enaltecendo o poder da comunicação: através daquele artefato da modernidade, mais um espaço estava subjugado aos imperativos da civilização. Os elementos visuais descritos pelo periódico e a própria frase nos remetem para uma certa perspectiva de representação sobre os novos meios de comunicação e suas possibilidades de conquistar o homem e a natureza. Trata-se do infinito artificial que produz os efeitos do sublime, conforme definido por Edmund Burke, um estado especial em que se imbricam medo e prazer, que se origina, entre outros aspectos, nos efeitos da extensão e a importância das grandes dimensões, como comprimento, altura ou profundidade (Hardman, 1988: 97-99). Tais elementos encontram-se presentes na referida representação, da comunicação que extrapola os limites da terra, ganhando o espaço, a lua.

Ao comentar as novas tecnologias da modernidade, e uma representação sobre o trem veiculada no livro *Thesouro da Juventude*: trens que partiam de estações da terra, com destino aos planetas do sistema solar..., Hardman (1988:97-99) analisa a sensação de estranhamento diante da representação, provavelmente expressão dos anseios cósmicos de uma época: o trem era o espetáculo tecnológico de que se dispunha para enfrentar os gigantes do tempo e do espaço. É a partir desse contexto que discute os conceitos

³ As referências sobre o Carnaval são na seqüência fundamentadas nessa reportagem.

de sublime e do belo em Edmund Burke. Contudo, as representações sobre o trem no carnaval de 1911 em Corumbá, época da construção da ferrovia Noroeste do Brasil, não alcançaram esse mesmo grau simbólico que o telégrafo. A ferrovia foi representada por um carro alegórico com um vagão, puxado por 10 juntas de bois e com a denominação *Rumo Itapura-Corumbá* (Báez, 1964:27-34.). Tratou-se de uma representação pouco simbólica, os trilhos estavam bem fixos a terra.

Retomemos o desfile de 1904. Um breve panorama da organização do préstito pode nos oferecer uma visão de conjunto. O periódico *O Brazil* qualificou-o de imponente. À frente, três cavaleiros o comandavam, seguindo-se a banda musical do 25º batalhão de infantaria, tocando o *Zé Pereira* – os componentes trajavam calças brancas, casaca vermelha e capacetes repetindo as duas cores. Ladeando a banda, e prestando-lhes homenagens, havia uma guarda de honra, composta de dez lanceiros. O primeiro carro a abrir o desfile era o de identificação do Club Carnavalesco, com seu estandarte luxuoso, empunhado por uma *gentil deidade caprichosamente vestida*, e artisticamente ornamentado. Conforme descrito, até o 15º carro, uma ordem foi seguida, a cada carro, com uma alegoria referente a uma República da América do Sul. Seguiu-se uma alegoria de crítica às diversas situações vivenciadas na cidade. Informou que havia outros carros, mas não os quantificou e, fechando o préstito, o carro do *Zé Pereira* (*O Brazil*, 21 fev. 1904).

Segundo a mesma reportagem, a massa popular que acompanhou o desfile era enorme e durante o passeio, recebeu um folheto avulso, fartamente distribuído, contendo a descrição das alegorias e críticas, feita em belíssimos e espirituosos versos. Sobre o trajeto, informou que o préstito percorreu todas as ruas e travessas da cidade e depois se dirigiu ao edifício do Club Carnavalesco. Lá, houve dois discursos, um dos quais, o do major Christião Carterns, que enalteceu “...quanto era livre e folgazã a juventude corumbaense que com independência e gosto criticava hábitos e costumes, rendendo homenagens àqueles que delas são dignos” (*O Brazil*, 21 fev. 1904).

O Club Carnavalesco Corumbaense era de fundação recente, tanto que num dos carros alegóricos, pequeno e puxado por cabritos, destacava-se uma criança trajando as cores do clube, simbolizando as conquistas que havia obtido, em pouco tempo, a jovem associação.

A distribuição de folheto em versos nos remete para dois aspectos. As alegorias necessitavam de explicações, se bem que algumas, conforme descritas pelo periódico, fossem perfeitamente compreensíveis em suas mensagens. Outra dimensão a considerar é que, embora houvesse no período manifestações de preocupação com o ensino da língua, parte da população fosse alfabetizada e tivesse contato com a escrita, de qualquer forma, os folhetos constituíam-se em uma oportunidade a mais para divulgação do vernáculo.

Percorrer os carros alegóricos é surpreender o universo de preocupações daquela cidade no início do século XX. Senão, vejamos: entre os carros, além das homenagens às Repúblicas Sul Americanas, ao Club Carnavalesco e a alegoria do telégrafo, predominava a crítica a determinadas situações ou equipamentos urbanos; contrapondo-se às expectativas quanto ao telégrafo, uma crítica de muito sal, segundo o periódico, foi em relação ao correio, em razão dos extravios de cartas; outras alegorias críticas foram as referências à iluminação, vista como *a fumaça* da cidade, crítica de muita verve e chiste, às casas velhas que infestavam as principais ruas da cidade, ao jogo do bicho (no carro, via-se uma gaiola, dentro da qual, encontrava-se um pequeno gato), à “greve” dos despachantes, aos impostos inter-estaduais e à cessão territorial de Mato Grosso (por ocasião da questão do Acre, em 1903.).

Referências sobre críticas de atualidade, promovidas em seus desfiles pelo Clube, encontramos no *Autonomista* a respeito do Carnaval de fevereiro de 1909. Cita o periódico apenas sete carros, sem os descrever, mencionando, porém, o fino espírito crítico e o luxo e gosto de suas ornamentações. Acrescenta a informação sobre uma prática, provavelmente comum também em anos anteriores,

qual seja, que alguns carros eram acompanhados por oradores que esclareciam os assuntos criticados, provocando gargalhadas, em função de sua verbosidade *saturada de sal attico*. Renato Báez também ressalta esse aspecto do Carnaval, dos carros de crítica a tudo e a todos, acompanhados por pessoas que “embora de destaque no âmbito local eram perfeitos e eficientes oradores especializados em desancar os criticados... que sofriam e só se desforravam a muque, depois do Carnaval!” (1964:27-34). O autor, no caso um memorialista, destaca que as críticas se dirigiam a tudo e a todos, mas de fato existiam recortes temáticos e limites a esse procedimento, além disso, predominavam os chistes dirigidos diretamente a desafetos pessoais.

Entre outros carros alegóricos de crítica, exibidos nos Carnavais da década seguinte, temos referência aos de 1911, quando apresentaram um sobre a Cervejaria Corumbaense e outro sobre o paquete *Ladário*, do Lloyd Brasileiro, muito conhecido pelo atraso em suas viagens, transtornando a vida dos comerciantes e usuários (Báez, 1964:27-34). Já no ano de 1918, quando irrompeu a *gripe espanhola*, o fato foi recordado pelo bloco dos *Apaches*, dirigido pelo poeta Pedro de Medeiros. As referências não estão completas, pois não descrevem como essas representações foram veiculadas. Apenas os temas nos sugerem as críticas.

As alegorias elaboradas em tais carros podem ser identificadas como sínteses críticas sobre diferentes temas. Elas eram acompanhadas de discursos e muito humor, divertindo a platéia, conforme já mencionado. Quanto às potencialidades de análise para o historiador, sobre os personagens humorísticos, Marcos Silva (1990:9-11) afirma que seu estudo pode ser situado junto à discussão do artístico e do ideológico, ao apontar-se articulações com outros níveis da vida social. Critica a hierarquia tradicionalmente estabelecida pelos estudos históricos em relação aos documentos e, especificamente, o descaso com a documentação visual, que, para muitos historiadores, serve apenas como ilustração nas análises que outras fontes permitem sobre a vida social. Outra questão levantada pelo autor é se

pode haver um humor a favor. Embora discuta a questão sobre os personagens em charges e quadrinhos, acreditamos que possa se aplicar à situação estudada. Percorreremos em parte as alegorias mencionadas, com essa perspectiva.

É possível, portanto, fazer uma leitura, mapear as principais questões que povoavam as preocupações de parte da população corumbaense naquele momento. Ao mesmo tempo em que convivia com a possibilidade da comunicação imediata com o mundo, via telégrafo, carecia de outras tecnologias já disponíveis em outros centros, como a iluminação elétrica, pois a que existia era a querosene; daí, o chiste sobre a iluminação e a fumaça. As principais preocupações com a cidade referem-se à ordem, como temos destacado ao longo do texto, ao incômodo que as casas velhas do centro provocavam, prejudicando seu embelezamento, e que, a prefeitura tentava eliminar, o que significava afastar dali os mais carentes. A greve dos despachantes é ironizada, o termo greve ainda não era muito usual, e carregava naquele momento um sentido de subversão, perigo. O próprio jogo do bicho, que retornava, após ter sido combatido por um general que veio para cuidar das fronteiras, figurava naquele universo de críticas.

Nas alegorias citadas ocorrem críticas de âmbito político em relação ao território, como a questão do Acre e o tratado de Petrópolis, outras sobre as carências ou mau funcionamento de equipamentos relacionados à cidade moderna, ridicularizando os serviços e a sua modernidade, entendida como progresso técnico e embelezamento, tanto que atacam as moradias dos pobres por enfearem o centro da cidade. Parte delas satiriza os serviços prestados, seu mau funcionamento ou sua carência.

As críticas não tinham caráter de contestação ao regime republicano, eram forjadas no âmbito da elite local e, em parte, constituíam-se em ataques de ordem pessoal, com revanche após o carnaval. Sua elaboração era feita pela juventude corumbaense e pelos letrados - jornalistas e poetas - haja vista a produção de folhetos em versos. Em razão do exposto, podemos afirmar que tinham um cará-

ter predominantemente conservador. Além disso, sofriam uma censura prévia, pois os clubes tinham que apresentar um projeto das alegorias para a polícia, para serem examinadas antes do desfile. Mais uma vez, a vigilância. Ressaltamos, por fim, que embora tenhamos constatado a presença do povo nos desfiles, não há participação direta deste em sua preparação, pelo menos, nesse momento.

Contudo, é importante ressaltar que o Carnaval, no espaço urbano, constituía-se num dos poucos momentos de explicitação de crítica, a partir do humor presente nesses desfiles. Na imprensa corumbaense, não havia a veiculação do humor visual, pelo menos até a segunda década do século XX, e a crítica social mais mordaz, escrita, ficava por conta dos vários pasquins, que tinham vida efêmera, e dos quais apenas temos referências muito gerais. Porém, grande parte descambava para as disputas infundáveis e divergências de detalhes, ataques pessoais para desqualificar adversários.

Ao refletir sobre a natureza da polêmica no século XIX, Roberto Ventura também constatou que havia artigos contra artigos, réplica e trélicas, de questões secundárias que se desviavam para debates de erudição e defesa da honra. Afirma que metáforas de luta proliferavam nas abordagens apologéticas, a linguagem de luta era parte do discurso da polêmica. A explicação do autor sobre a natureza desse tipo de abordagem polêmica é que “a proximidade entre os oponentes nos debates formou um padrão reflexivo e dual de debate, que pode ser relacionado às formas horizontais e pouco diferenciadas de conflito social e político à época” (Ventura, 1991:78-80).

Retomando os carros alegóricos produzidos em Corumbá, ao comentar suas qualidades, Renato Báez (1964:27-34) afirma que eram tão bem feitos e bonitos quanto os do Rio de Janeiro à época. Inclusive, chega a dizer que era uma verdadeira maravilha para as vistas dos felizardos habitantes de Corumbá, pois “os carros possuíam uma vistosidade incomparável, uma vez que considerando-se a época, pode-se dizer que equivaliam ao que de melhor se poderia desejar em matéria de ornamentação e bom gosto”.

Ao caracterizar esses carros, menciona o *Rumo ao mar*, de 1909, com 12 moças. Representando os deuses mitológicos da antiga Grécia, media seis metros de comprimento por dois e meio de largura, composto por figuras de papelão solidificadas e amparadas em peças de madeira, sobre as quais sentavam-se as moças, vestidas elegantemente, com coroas representando os deuses mitológicos. Tal carro revela a marcante presença feminina nos desfiles. O autor menciona que em alguns carros, trabalhavam operários especializados em gesso, contratados no Paraguai especificamente para esse fim. Uma das formas de se custear as despesas era passar um *livro de ouro*, através do qual, se conseguiam bons fundos.

Nem tudo, porém, corria como o desejado, costumava houve também acidentes com alguns carros, que tombavam em função de seu tamanho. Um desses casos ocorreu em 1910, em alegoria com duas senhoritas ricamente fantasiadas, uma de portuguesa e a outra de brasileira. Já em 1916, quando nove carros desfilaram e entre eles destacava-se o *Concha do Mar*, segundo Báez (1964:27-34), verdadeiro sucesso de arte e bom gosto, o último, lamentavelmente, tombou por ser demasiado alto.

O Carnaval representava um momento significativo na vida da cidade, tirando-a de sua letargia, no próprio dizer de *O Brasil*. Os preparativos começavam a mexer com o pessoal trinta dias antes das comemorações. Em janeiro de 1904, o Club Carnavalesco Corumbaense fazia chamada pela imprensa para que a rapaziada comparecesse a uma reunião em preparação ao Carnaval, consagrado ao bem-aventurado e excelso padroeiro – o glorioso Deus momo! (*O Brasil*, 17 jan. 1904).

Entre os principais organizadores do Carnaval no início do século XX, Renato Báez menciona:

“O maior carnavalesco, até 1905, era Jorge Comuzile, que anunciava o Carnaval, tocando bombo no trecho da rua De Lamare, entre Antônio João e Tiradentes.

[...] De 1906 em diante eram animadores do Carnaval João Batista Oliveira e seu irmão Ladislau, que saíram às ruas com bombo, prato metálico, tambor e gramofone sobre a cabeça, fazendo anúncio do Carnaval.

No mesmo ano de 1906, foi organizado o Clube Carnavalesco Recreativo, tendo por sede social a casa da família Cárcano, na rua Antônio Maria Coelho. Dele faziam parte, entre outros, os irmãos José Gomes Palla e Arthur Gomes Palla, Nicola Ferra, Ângelo Maria Fragelli, Antônio Lemos dos Santos e Miguelito Peres. Até 1916 ainda existia a referida organização.” (Báez, 1964:27)

Destacamos que, ao referir-se aos principais carnavalescos, o autor expressa-se como sendo grupos de pessoas da melhor sociedade. A forma aludida de referir-se aos organizadores nos remete para o fato de que não havia uma participação direta da população mais carente e que o Carnaval era, portanto, uma festa cara.

Entre os promotores do carnaval em 1906, Renato Báez (1980:39) destaca o comerciante português João Antônio Estêves, presidente reeleito por três vezes do Clube Recreativo Português, fundado no início do século XX. O clube tinha participação importante no Carnaval de rua, ostentando luxuosos carros alegóricos. O presidente, segundo o autor, trouxe inovações aos préstitos carnavalescos, pois foi o primeiro a introduzir, à frente dos carros alegóricos, a cavallhada. Os componentes saíam vestidos de setineta, tecido de seda que custava, naquele tempo, em torno de um mil réis o metro. A banda de música que animava o pessoal do Clube era própria, seus instrumentos foram importados de Portugal, especialmente para o Carnaval corumbaense (Báez, 1964:27-34).

O carnaval nesse momento, portanto, já possuía um apelo comercial, ou pelo menos tinha seus atrativos para os comerciantes. João Estêves era proprietário da casa comercial *A bela madrugada*, que tinha a oferecer os apetrechos indispensáveis para a folia. Encontramos nos periódicos os reclames conclamando a população a adquirir máscaras, fantasias, faixas luminosas. Daí, os laços com a promoção do carnaval não estarem desvinculados de seus negócios enquanto comerciante.

Mas brincar o Carnaval, sair da rotina, extrapolar algumas normas não significava falta de controle, havia a vigilância da polícia. Entre as normas que se mantinham, a delegacia de polícia determi-

nava que os grupos ou clubes carnavalescos, que pretendessem exibir em público críticas ou alegorias estavam obrigados a submeter o plano das mesmas, antecipadamente, à censura da autoridade, e apenas seriam admitidas as que não ofendessem a moral pública, como anteriormente apontado. A delegacia de polícia publicava os editais pela imprensa e fixava-os em lugares públicos (*Autonomista* 22 fev. 1908; *Correio do Estado* 16 fev. 1911). Tratava-se, portanto, de um humor vigiado, em que o cidadão poderia expressar-se dentro de certos limites.

No plano individual, para sair fantasiado, requeria-se a competente licença, que deveria ser carregada em lugar que facilitasse a inspeção pelos agentes da autoridade. Algo que pode parecer tão inocente, como o uso de máscara, era também objeto de regulamentação, requeria uma licença. Desde o início dos anos 1880 há relatos na imprensa corumbaense de situações que expressam essas tentativas de disciplinarização das atividades de diversão e lazer. *O Iniciador* de fevereiro de 1880, conta o caso de um folião que desejava permanecer mascarado ao deixar o baile de salão e se desentendeu com a polícia. A regulamentação da vida da cidade, o controle dos costumes e hábitos fazia-se presente também nesses momentos de diversão.

O carnaval foi objeto de crônicas na imprensa corumbaense, comentando alguns aspectos de seu cotidiano. Ressaltavam a alegria e o riso solto, sendo motivo para gargalhadas. As máscaras, por exemplo, representando principalmente o diabo, largamente utilizadas nas brincadeiras, ainda assustavam velhas senhoras, que saíam correndo e, por vezes, caíam (*Autonomista*, 27 fev. 1909). Grupos e indivíduos avulsos percorriam a cidade, vestidos de farrapos e mascarados. Muitos foliões obtinham sua fantasia junto ao Circo Palácio, que cedia por empréstimo trajes de seu vasto e rico repertório, o que contribuía com o colorido dos folguedos de rua (Báez, 1964: 27-34). Havia o uso de confetes e bisnagas cheirosas, limões-de-cheiro para serem atirados, promovendo guerras entre os grupos, perseguições individuais ou mexerem com o público.

Entre outros casos de transgressões que o Carnaval possibilitava, um cronista de pseudônimo Conegundes comentou uma cena em que uma mulher, após avisada pela empregada, encontra a sua *costela transviada*, o marido com outra, fantasiados, *muito lampeiros de braços a saltarem fazendo momices*, e o resultado: sopapos na rapariga, que correu, e depois sapatadas no marido, até que os presentes pedissem que a mulher deixasse de bater no José das Pombas, como era conhecido, pois este não reagia. Perguntado, disse que havia errado e a mulher cumpria uma obra de misericórdia para não vê-lo perdido, castigando-o em tempo. Enternecida, a mulher levou o marido pelo braço, salvo das garras de um abutre. O cronista termina bem humorado, lembrando o que sua avó dizia: “o amor para ser querido, há de ser bem sacudido” (*Autonomista*, 27 fev. 1909). Havia, portanto, o espaço à transgressão, dentro dos limites aceitáveis.

A partir das referências que encontramos em periódicos e memorialistas, sobre o Carnaval em Corumbá, é possível afirmar que se constituía numa das festas mais importantes, no âmbito da cultura da cidade. Assim, acompanhar as diferentes formas que foi tomando no período e ler os significados que foi assumindo, ajuda a compreender o momento vivenciado por diferentes setores da sociedade corumbaense.

As novas concepções do que era uma comemoração civilizada encontraram expressão especialmente nos préstitos que eram uma espécie de teatro com seus carros alegóricos, enaltecendo valores patrióticos, celebrando conquistas da modernidade, como também tecendo críticas bem humoradas sobre questões da vida política e social.

Sem dúvida, o desejo de tornar certas práticas do Carnaval com ares de maior civilidade, revela a tentativa de tirar de cena a participação popular, que não era hegemônica, pelo menos em algumas manifestações carnavalescas, e além disso mal vista pelas elites urbanas. Mudanças na forma de brincar o Carnaval revelam as transformações do meio urbano, a instituição de aspectos da

modernidade, aos quais a população pobre não tinha acesso, tornando-se monopólio apenas dos denominados *a melhor sociedade*. Os préstitos, na visão da elite, tinham o objetivo de ser espetáculo para os trabalhadores menos favorecidos, que formariam uma platéia de assistentes, e mesmo nessa condição, deveriam ser bem comportados, vigiados pela polícia. Contudo, nessa trajetória de incorporações de novas formas, ocorreram adaptações e permanências, entre as quais podemos citar, as práticas da molhadeira com bisnagas ou vasilhas (próprias do *entrudo*), os grupos de Zé-pereiras, as fantasias e mascarados. Essas outras formas de brincar o Carnaval, apenas mencionadas de relance, requerem outro estudo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALENCASTRO, L. F. de. 1997. Vida privada e ordem privada no Império. In: NOVAIS, F. A. (Coord.). *História da vida privada no Brasil. Império: a corte e a modernidade nacional*. 1ª reimpressão. São Paulo, Companhia das Letras, v. 2.
- BÁEZ, R. 1964. *Corumbá: figuras e fatos*. Bauru, Tip. & Liv. Brasil.
- BÁEZ, R. 1980. *Corumbá: lembranças & tradições*. São Paulo, Resenha Tributária.
- BURKE, P. 1995. *Cultura popular na idade moderna: Europa, 1500-1800*. 2. ed. São Paulo, Companhia das Letras.
- CUNHA, M. C. P. 2001. *Ecos da Folia: uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920*. São Paulo, Companhia das Letras.
- HARDMAN, F. F. 1988. *Trem fantasma: a modernidade na selva*. São Paulo, Companhia das Letras.
- LAZZARI, A. 2001. *Coisas para o povo não fazer: carnaval em Porto Alegre (1870-1915)*. Campinas, EdUnicamp. (Várias Histórias)
- MORAES, J. G. V. de. 1995. *Cidade e cultura urbana na primeira república*. 2. ed. São Paulo, Editora Atual.
- SILVA, M. A. 1990. *Caricata República: zé povo e o Brasil*. São Paulo, Marco Zero.
- SOUZA, J. C. 2001. *Sertão Cosmopolita: a modernidade de Corumbá (1872-1918)*. Tese de Doutorado. São Paulo, USP.
- VENTURA, R. 1991. *Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil (1870-1914)*. 1ª reimpressão. São Paulo, Companhia das Letras.

PERIÓDICOS

- Carnaval. *O Brasil*, Corumbá, 21 de fev. 1904. n 80, ano II, p. 2.
- O Brasil*, Corumbá, 17 jan. 1904. n 70, ano II, p. 2.
- O Brasil*, Corumbá, 13 jun. 1904. n 97, ano II, p. 3.

Autonomista, Corumbá, 27 fev. 1909. n 184, ano V, p. 2.
O Iniciador. Corumbá, 19 fev. 1880. n 15, ano IV, p.3.
O Iniciador, Corumbá, 08 fev. 1880. n 12, ano IV.
Autonomista, Corumbá, 7 mar.1908, n 133, ano IV, p. 1.